

Cartografias do Movimento Tapajós Vivo: memórias, semioses e mídias

Nilton Faria de Carvalho

Universidade de São Paulo, Departamento de Comunicação e Artes, São Paulo, SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-2443-6418>

Resumo

Este trabalho¹ analisa dados empíricos coletados em pesquisa participante no Movimento Tapajós Vivo, do Pará, que lida com questões ambientais em Santarém. Trata-se da frente metodológica de uma cartografia, que acompanhou um encontro formativo do coletivo. Partimos das teorias da diferença para propor o traçado de uma paisagem midiática emergente, sustentada por um contexto cultural. Pela semiótica da cultura, identificamos memórias, códigos culturais e semioses partilhadas nesses encontros que possibilitam as expressões midiáticas do coletivo. Ao final, defendemos que as dinâmicas culturais e os processos formativos, ao mobilizarem afetos e ativismos, produzem também diferenças nas mídias e tensionam as memórias midiáticas e modalidades de estar nas redes.

Palavras-chave

Movimento Tapajós Vivo; cartografias; ativismos; semioses; mídias

1 Introdução

O projeto de construir um complexo de hidrelétricas na bacia do Rio Tapajós, em Santarém (PA), no ano de 2009, fez com que um coletivo da sociedade civil se mobilizasse frente aos impactos ambientais que batiam à porta. Desde os primeiros encontros e assembleias, o grupo reunia movimentos sociais, ambientalistas, terceiro setor, indígenas (sobretudo do povo munduruku), sindicatos e membros das Comunidades Eclesiais de Base, num eixo heterogêneo de diferentes vertentes da sociedade civil. O grupo então ganhou um nome: Movimento Tapajós Vivo (MTV). O coletivo trabalha sempre de modo transversal, em

¹ Este artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutorado conduzida no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e conta com Bolsa de Pós-Doutorado do CNPq, edital 32/2023.

diálogo com diferentes setores e comunidades, a exemplo de uma audiência pública organizada pelo MTV, em 2012, que reuniu membros do Ministério Público, governo federal e estudantes e professores da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Em suas ações, a comunicação é uma frente decisiva, não à toa um de seus fundadores, o padre Edilberto Sena, trabalhou durante treze anos na Rádio Rural de Santarém, meio de comunicação com grande audiência entre as comunidades do Baixo Amazonas. À época da formação do movimento, Edilberto foi autor de uma série de editoriais em prol da formação do coletivo e críticos ao projeto das hidrelétricas. Essa atuação midiática é um importante elemento de memória que ressoa nas ações do coletivo hoje, uma vez que há uma preocupação com os ambientes midiáticos digitais, que marcam a contemporaneidade, como veremos mais adiante.

No decorrer dos anos, a região de Santarém passou a ser alvo não apenas de ações governamentais que traziam impactos no meio ambiente e nas comunidades locais, mas sobretudo do avanço do agronegócio e do garimpo ilegal. Com a intensificação dos processos capitalistas e predatórios no entorno das comunidades de Santarém, o Movimento Tapajós Vivo passou a organizar, anualmente, atividades formativas como contraponto a esse cenário, a exemplo da Escola Socioambiental² e do *Curso de Defensores e Defensoras das Águas da Bacia do Rio Tapajós*. Trata-se de uma estratégia que busca formar pessoas para atuarem no movimento – e a comunicação tem um aspecto central nesse processo formativo. É nesse contexto de atividades que a pesquisa participante se insere como ferramenta de coleta de dados para um traçado cartográfico, ao participar do encontro ocorrido em fevereiro deste ano, num movimento de trocas, interações e construção de elos. Nesse sentido, partimos da ideia de cartografar fenômenos heterogêneos em sua emergência diferencial (Deleuze; Guattari, 2000) – no lugar de tomá-lo como algo previamente dado, uma vez que lidamos com processualidades culturais e semióticas. Assim, lançamos mão de uma cartografia de diferenças (Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021), que trabalha o que Virgínia Kastrup, Eduardo Passos e Silvia Tedesco (2013, p. 264) entendem por plano comum, uma “transversalidade como diretriz metodológica”.

A semana formativa do Movimento Tapajós Vivo é o momento no qual os mais experientes partilham seus aprendizados e os principais eixos de atuação do coletivo com os mais novos. Há, inclusive, no primeiro dia, uma retrospectiva dos encontros anteriores, que possibilita uma visão ampla dos enfrentamentos e estratégias dos últimos anos. Assim, nesses

² Ver: Nossos Saberes (2020).

dias de interação no Movimento Tapajós Vivo observamos e identificamos alguns códigos culturais que são caros ao movimento, sua manutenção e atualização, e entendemos quais demandas atuais necessitam novas formas de ativismo na região – notadamente quando os mais jovens propõem estratégias de ação. Nossa hipótese é que nesse momento formativo as memórias entram em processos semióticos de geração de novos sentidos, num contexto de cultura heterogêneo, ou seja, é a partir delas que o coletivo lida com questões do presente e do porvir, processualidade percebida nas linguagens midiáticas mobilizadas pelo coletivo e seus integrantes. Tal procedimento ocorre nas articulações do coletivo com seu entorno, notadamente as comunidades locais. As observações iniciais nos levaram à seguinte questão: *como as memórias do Movimento Tapajós Vivo participam de semioses e produzem diferenciações nos ambientes midiáticas?* Desse modo, entendemos que códigos culturais e produção de sentidos (semioses) são problemas semióticos, que aqui serão tratados pela Semiótica da Cultura, notadamente a trabalhada por Iuri Lotman (1996). Para esse autor, a emergência de outras realidades possíveis demanda uma reinterpretação da memória (Lotman, 2022), procedimento que percebemos nas estratégias para enfrentar problemas ambientais da atualidade, uma vez que estes não se resumem mais à construção de um complexo de hidrelétricas, mas somam-se a outros desafios e por isso demandam novas estratégias comunicacionais, criatividade e experimentação.

A seguir trataremos de organizar as aproximações do método da cartografia, pelas teorias da diferença, com a noção de cultura como espaço heterogêneo, que para Lotman (2022) é território de imprevisibilidade e explosões de novos sentidos. O objetivo é demonstrar que o coletivo da região do Tapajós – assim como outros mapeados na pesquisa – é uma expressão midiática alternativa que se movimenta nas periferias das plataformas digitais, para além das engrenagens dominantes que as *big techs* impõem em nossa temporalidade (Kemper, 2024; Morozov, 2018). E, no que diz respeito a uma memória midiática em disputa na atualidade, a atuação dos coletivos também produz diferenças, pois possibilita novas visibilidades éticas e políticas de comunidades locais, frente aos padrões da chamada grande mídia e das modalidades mais comuns de estar e de vivenciar as redes.

2 Cartografias, semioses e dinâmicas culturais

A noção de cartografia com a qual trabalhamos aqui é menos a tentativa de formalizar um mapa definitivo dos coletivos do que acompanhar movimentos heterogêneos que indicam

uma possibilidade de conhecimento, sobretudo no que diz respeito à formação de uma nova paisagem midiática. Um saber que se posiciona nas demandas de diferentes comunidades, cujas dinâmicas culturais se movem e produzem sentidos, muitas vezes, de modos experimentais e criativos em prol práticas cidadãs e de inclusão. As motivações da atuação dos coletivos se constroem no enfrentamento de realidades desiguais, partilhadas nesses grupos, cujas ressonâncias midiáticas irão disputar memórias, produzir diferenciações.

É inegável que a chegada das plataformas digitais estabeleceu novos parâmetros nos modos de interação das sociedades atuais, uma vez que é nesses espaços que se formam comunidades, práticas de consumo e onde se constroem sentidos que atravessam uma nova esfera pública – radicalmente fragmentada. É sabido, ainda, que a cultura da conectividade (Van Dijck, 2013) coloca em xeque a separação entre o público e o privado – uma vez que o cotidiano das pessoas tende a ser mais exposto, entre outras questões –, em meio a comportamentos que são induzidos pelas ferramentas disponibilizadas aos usuários no funcionamento das redes. Daí é bastante compreensível que muitos dos estudos da atualidade se debrucem sobre esse novo poder que se concentra nas mãos das *big techs* (Morozov, 2018). Nossa motivação, neste estudo dos coletivos e suas expressões nas mídias, é entender como uma paisagem midiática alternativa é possível em meio a esse cenário desigual. Os coletivos constroem suas ações à contrapelo dos modos mais recorrentes de estar nas redes, que tendem a uma exibição positiva de atividades cotidianas (usuários sempre felizes!) ou novas práticas de marketing e consumo (o mundo encantado dos influencers). Entendemos, assim, que há um espaço digital periférico produzido em contextos culturais que, em sua maioria, são também localizados nas periferias. Tais práticas ativistas revigoram os espaços digitais por memórias, afetos e mediações locais (Martín-Barbero, 2022) que dizem respeito a *saberes situados*, mobilizados por diferentes comunidades no enfrentamento de problemas sociais diversos.

Essas paisagens comunicacionais midiáticas são produzidas, em boa medida, nos espaços digitais da contemporaneidade, daí nosso diálogo com a noção de cartografia na obra de Deleuze e Guattari (2000). Quem trouxe contribuições teóricas importantes para esse conceito foi Suely Rolnik (1989), notadamente quando a autora se debruçou sobre as paisagens psicossociais diferenciais produzidas no âmbito do capitalismo tardio, mesmo em meio à captura à qual a vida social é submetida nessa formação histórica – a exemplo da figura do *esquízo*, que percorre, desejante, o campo social sem responder a um significante (Deleuze; Guattari, 2014). Para essa autora, uma cartografia acompanha mudanças e se

preocupa com a construção de mundos possíveis que, ao se materializarem, questionam as forças vigentes. Esse ato de criar possibilidades, a partir de afetos emergentes, é fruto de um processo ético-político. O que para Rolnik (1989) se manifesta no campo psicossocial, aqui trataremos de compreender no âmbito da comunicação, em especial nas expressões midiáticas do coletivo Movimento Tapajós Vivo, uma vez que nesses processos comunicacionais alternativos há afetos locais que fazem funcionar uma dinâmica midiática singular. E aqui a noção de cartografia encontra a semiótica, pois quando Deleuze e Guattari (2000) tratam da ideia de cartografia os autores visam o entendimento da figura ontológica do rizoma, termo que é trazido da botânica – raízes que se desenvolvem de modo mais horizontal – com o qual pensam fenômenos descentrados. Para Deleuze e Guattari, a cartografia deve compreender esses fenômenos, suas conexões, seus acoplamentos e seu funcionamento (que é também semiótico) Essa noção de heterogeneidade, defendemos, se aproxima do modo como Lotman (2004) observa as constantes transformações no campo da cultura.

Coletivos como o MTV são processos culturais que nascem em contextos heterogêneos, por isso funcionam sob certos códigos e significações, mas estão abertos a constantes movimentos que os atualizam, sobretudo por causa das relações com seu entorno. Com base nessas observações, nosso caminho conceitual passa pela noção de texto de cultura, que segundo Iuri Lotman (1998) são elementos pensantes (ou seja, há certa manutenção de estruturas centrais e a tradução de conteúdos externos, tal processualidade é semelhante a um intelecto) que possibilitam a produção de linguagens e códigos, a transmissão de informações e são portadores de memórias³. Por essa noção, podemos considerar que o Movimento Tapajós Vivo é codificado por uma cultura ativista nascida em Santarém, cuja atuação diz respeito a uma série de embates frente ao avanço do capitalismo tardio na região, suas ações na temporalidade (desde meados de 2009) reúnem memórias de lutas conduzidas pelas comunidades locais, tais elementos sustentam as linguagens midiáticas produzidas pelo coletivo e por seus integrantes. Entendemos que a memória em contextos de cultura é o acúmulo de significações e temporalidades, e são essas cargas culturais que entram em relações semióticas no presente e no futuro, em variadas reinterpretações (Lotman, 2022), aspecto dinâmico que se manifesta nas produções do coletivo – o que fizemos, o que poderia

³ Nos estudos semióticos conduzidos em Tartú-Moscou (escola da qual Iuri Lotman faz parte) a noção de texto compreende um sistema de signos que diz respeito a uma tradição de cultura. Sendo assim, texto é entendido como uma unidade básica (Machado, 2003) de um dado contexto – em outras palavras, ele é uma produção cultural, uma manifestação de cultura, tal como uma dança, um ritmo, uma cerimônia e, por essa linha de pensamento, um coletivo ativista.

ter sido feito etc. Acompanhar esses processos semióticos, que ocorrem nas relações entre passado, presente e porvir é tarefa da cartografia de diferenças que aqui lançamos mão, até porque nesse traçado identificamos códigos culturais e semioses que remetem tanto à memória como às experimentações decorrentes dela como enfrentamento à realidade. Ou seja, a cartografia é o método de adentrar o texto de cultura como tecido de significações, uma vez que para Deleuze e Guattari os fenômenos heterogêneos tendem a indicar modos singulares de codificação.

O coletivo é um espaço heterogêneo, do qual fazem parte ribeirinhos, indígenas, ambientalistas, estudantes, ativistas das Comunidades Eclesiais de Base, entre outros representantes da sociedade civil, cujas memórias estão registradas no livro organizado pelo padre Edilberto Sena (2022).

Uma das características do MTV é formar novos integrantes e renovar sua organização interna, processo no qual as memórias do coletivo são rearticuladas, notadamente a partir de novas informações sobre a Bacia do Tapajós – pois o MTV reúne pessoas de comunidades de diferentes regiões do entorno do rio, o que possibilita maior capacidade de monitorar o espaço. As ressonâncias desses processos semióticos e culturais nas mídias, em outra frente, irão disputar também as significações a respeito de questões ambientais que impactam a vida das comunidades no município de Santarém (e no estado do Pará). Um exemplo é um vídeo⁴ publicado na ferramenta *Reels*, do Instagram, no qual integrantes do Movimento Tapajós Vivo saem às ruas com cartazes para denunciar a presença de fumaça proveniente das queimadas na região. Esse produto midiático, ao circular, estabelece um sentido crítico em relação a um evento percebido pelos moradores da região, ao relacionar as queimadas com a grilagem. Ou seja, o coletivo inscreve uma intervenção no cotidiano de Santarém, seja pela mobilização nas ruas como nos conteúdos midiáticos digitais compartilhados, ações que produzem outras visibilidades e assim diversificam as memórias midiáticas sobre o município.

Entendemos que compreender as dinâmicas culturais no contexto do Movimento Tapajós Vivo, por uma aproximação da Semiótica da Cultura com a cartografia das diferenças, é um caminho bastante produtivo. Esse diálogo teórico e conceitual se mostra promissor pelo fato de a produção de novos sentidos estar implicada na noção texto de cultura trabalhada por Iuri Lotman (1996) e a cartografia, nas teorias da diferença, é o traçado do funcionamento de modalidades de codificação diversas (Deleuze; Guattari, 2000) – em outras

⁴ Ver: Movimento Tapajós Vivo (2025a).

palavras, tanto a Semiótica da Cultura como as teorias da diferença têm como objetivo compreender diversidades que se manifestam de formas variadas Na Semiótica da Cultura, a noção de texto não se resume a um discurso escrito, como vimos, mas opera como unidade cultural fruto de um tecido de temporalidades e significações, que entram constantemente em novas relações semióticas, inclusive geradoras de novos códigos. Sobre esse aspecto, podemos considerar que “[...] o texto mostra propriedades de um *dispositivo intelectual*: não somente transmite a informação depositada nele desde fora, mas que também transforma mensagens e produz novas mensagens”⁵ (Lotman, 1996, p. 45, tradução nossa). A ideia de texto é uma chave conceitual que nos ajuda a compreender os processos de codificação no âmbito do Movimento Tapajós Vivo. Por exemplo, Lotman (2022) irá dizer que há modos⁶ de apreender a realidade, que sempre implicam em certa tradução desse “real” a determinados contextos, é o que observamos nos modos críticos como o MTV entende as investidas de um progresso capitalista-corporativo na região de Santarém. Podemos entender essa tradução como um processo de *codificação crítica*, que “[...] é orientado pela mediação que se manifesta em alguma textualidade semiótica. Nesse sentido, o texto se coloca como resultado da metalinguagem crítica que formula o fato como objeto de estudo” (Machado, 2022, p. 7) – por isso tomar o MTV como texto de cultura possibilita compreender como essa apropriação crítica do real se manifesta em seus processos formativos e expressões midiáticas, notadamente no âmbito da produção de códigos culturais. E é Lotman (2022, p. 213) que irá dizer que “[...] essa reconstrução resulta não apenas de um renascimento de nossa consciência do mundo, mas também de um renascimento de nossa percepção sensível do mundo”. Daí a necessidade de cartografar a produção e partilha desse campo sensível.

É função do cartógrafo acompanhar mundos emergentes e modalidades de vida que se criam a partir de fenômenos heterogêneos e *rizomáticos* (Barros; Kastrup, 2009; Rolnik, 1989; Deleuze; Guattari, 2000) – como consideramos o MTV. A cartografia, assim, se desdobra sobre o texto de cultura para identificar suas conexões e intensidades, uma vez que pensar criticamente um cenário externo exige refletir e tomar certas ações, formar posicionamentos que indicam o funcionamento dos códigos, que posteriormente irão ressoar nos ambientes midiáticos. O que vemos surgir nos espaços digitais, com a proliferação dos

⁵ “El texto muestra propiedades de un dispositivo intelectual: no sólo transmite la información depositada en él desde afuera, sino que también transforma mensajes y produce nuevos mensajes”.

⁶ O autor se refere, sobretudo, à linguagem artística como espaço privilegiado para essas reconstruções criativas da realidade. Mais adiante, veremos essas experimentações em linguagem midiática, que por vezes lançam mão também de certa linguagem poética.

coletivos com suas lutas situadas, é um aumento de tais produções alternativas à contrapelo das dinâmicas das *big techs*, que priorizam não só seus anseios corporativos por lucro a todo custo, mas na atualidade estabelecem vínculos com grupos reacionários a nível global⁷. Uma das hipóteses que nos motivam neste estudo dos coletivos, notadamente na aproximação da Semiótica da Cultura com as cartografias de diferenças, é que há periferias midiáticas de ativismos produtoras de alternativas, diferenciações e experimentações nas mídias, cujas lutas diversas fazem aumentar significações acerca de direitos, inclusão e pluralidade nos ambientes digitais. Daí a importância de traçar essa paisagem comunicacional emergente e assim identificar saberes que lidam com problemas de nosso tempo. Desse modo, antes de adentrarmos o tópico de análise a partir de dados empíricos coletados no Movimento Tapajós Vivo, iremos detalhar um pouco as ferramentas usadas na pesquisa de campo, que identificou e organizou os dados empíricos aqui estudados.

3 Pesquisa participante como ferramenta da cartografia

A pesquisa participante se inscreve como ferramenta de *produção de dados*, para além de mera observação do fenômeno estudado. A ideia de participação se insere nas interações e delas extrai um conhecimento posicionado radicalmente na experiência de campo, ao lidar com um fenômeno diverso, heterogêneo e movente. Uma vez que a Semiótica da Cultura considera os contextos culturais dinâmicos⁸ e marcados por processualidades, em termos epistemológicos, é preciso lidar com as mudanças que esses lugares de cultura sugerem em nossa temporalidade. E entendemos a cartografia como um modo experimental de adentrar esses espaços, por isso o modo de participação se insere na forma de atuação de cada coletivo estudado – com o MTV, optamos por participar de um dia de seu curso de formação.

Mesmo nos manuais de pesquisa na área das Ciências Sociais, a noção de pesquisa participante é citada como uma ferramenta que não leva em conta categorias pré-definidas (e este é o sentido de ir a campo, pois o conhecimento não está dado a priori), mas um processo que se desenvolve “no decorrer da pesquisa” (Becker, 1997, p. 48).

Por esses aspectos, a pesquisa participante será uma ferramenta da cartografia, com a

⁷ No momento em que escrevíamos este artigo, o dono da Meta (Facebook, Instagram e WhatsApp), Mark Zuckerberg, anunciava o fim das ferramentas de checagem de informações e recursos de moderação nas plataformas da empresa, alegando um alinhamento político com a chegada de Donald Trump à presidência dos EUA, em seu segundo mandato. Ver: Spagnuolo (2025).

⁸ Para Lotman (1998, p. 26, tradução nossa), a cultura é um espaço de produções coletivas e por isso possui “[...] flexibilidade e um caráter dinâmico extraordinários” (*flexibilidad y un carácter dinámico extraordinários*).

qual produzimos dados na experiência das interações de campo de pesquisa. Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco (2013) irão pensar a tarefa do cartógrafo⁹ como experiência de entrar em contato com um campo de forças que está em *processos de transformação*, sobretudo pela heterogeneidade dos fenômenos estudados. Trata-se de “[...] entrar em relação com os heterogêneos que o cercam, agir com eles, escrever com eles” (Barros; Kastrup, 2009, p. 57). Sendo assim, nossa ida à semana de formação do MTV, em Santarém, consistiu em acompanhar aulas, participar de dinâmicas, oficinas e até momentos de lazer e confraternização, além de reunir anotações de situações observadas no encontro – e alguns registros de áudio e vídeo. Esses dados serão entendidos por conceitos (que são também categorias analíticas) da Semiótica da Cultura, em diálogo com as teorias da diferença, tais como: códigos culturais, memória e semiose – decorrentes das conexões (partilhas, afetos) identificadas no encontro.

4 Uma cartografia de semioses do Movimento Tapajós Vivo

A semana de formação do Movimento Tapajós Vivo, intitulada *Curso de Defensores e Defensoras das Águas da Bacia do Rio Tapajós*, ocorreu entre 10 e 14 de fevereiro, em uma chácara, no município de Santarém (PA). A programação do evento foi dividida da seguinte forma: (a) no primeiro dia (10), uma espécie de histórico ou síntese das lutas conduzidas pelo movimento nos últimos dias, sob o título de *Conjuntura das águas do Tapajós e governança democrática: conhecer para transformar a realidade*, ao final da tarde, uma roda de conversa intitulada *Tempo-comunidade*; (b) no segundo dia (11, que acompanhamos), a oficina de *Atuação em rede para governança hídrica participativa*, ministrada por Herman Oliveira¹⁰ e, no período da noite, a roda de conversa *Tempo-comunidade*; (c) no terceiro dia (13), o coletivo fez visitas externas a parceiros da região, como o Ministério Público e a Universidade Federal do Oeste do Pará, e ao final da tarde e houve uma formatura, seguida de evento musical; (d) o quarto dia (14) é reservado a uma avaliação final, seguida de banho em um igarapé da região, e um mutirão de limpeza do espaço.

A programação da semana de formação coloca algumas questões caras ao

⁹ Quando Gilles Deleuze (2005) reflete acerca da obra de Michel Foucault, ele se refere ao autor francês como “cartógrafo”, pois trata-se também de um modo de estudar certos fenômenos (como o poder ou a sexualidade), compreendidos em suas pequenas situações cotidianas – ao contrário lançar mão de uma representação homogêneo ou totalizante. Entendemos, assim, que são as pequenas situações comunicacionais do Movimento Tapajós Vivo que enriquecem nosso estudo acerca de paisagens midiáticas emergentes.

¹⁰ Secretário executivo do Fórum Popular Socioambiental de Mato Grosso (Formad).

entendimento dos coletivos: certa preocupação em rearticular memórias do contexto cultural no qual os ativismos são formados, que se manifesta na manutenção de certos códigos (roda de conversa e escuta, a produção de uma noção de coletividade e trabalho partilhado a ser feito pelas comunidades da Bacia do Tapajós), bem como preocupações com a incorporação de novas práticas de enfrentamento e articulação – que dizem respeito a questões que são externas ao contexto dos coletivos, geralmente problemas que os ameaçam ou contra os quais é preciso resistir. No caso do Movimento Tapajós Vivo, há uma preocupação em formar novos membros a partir de uma noção de meio ambiente como espaço de vivências, indispensável para as gerações futuras, daí o banho no igarapé, que fecha o evento, não apenas como prática simbólica, mas como contato físico com um espaço que lhes atravessa a vida. Outra prática que nos parece indispensável aos processos formativos – não apenas para este coletivo – é o momento da roda de conversa, espaço de aprendizado e lugar onde é possível tomar a palavra no sentido da produção que é *comum* a todos – comunicar, assim, é a organização do comum, como bem observa Muniz Sodré (2014). Há uma ideia de comunidade nesses processos, que demanda a manutenção de sentidos tecida nos meandros dos afetos.

A formação que acompanhamos ocorreu em uma chácara localizada em Santarém, a ideia do coletivo era justamente oferecer momentos de partilha aos alunos (entre trabalho, aprendizado e lazer), bem como aproximá-los das lideranças do MTV. O lugar recebeu naquela semana cerca de quarenta pessoas, vinte e uma delas eram estudantes que saíam dali formados “comunicadores populares”, em sua maioria jovens de aldeias e comunidades localizadas na região do Tapajós. Para se ter uma noção da diversidade que marcou o encontro, havia ali indígenas dos povos munduruku e kayapó, além de jovens de comunidades ribeirinhas. A faixa etária variava entre dezenove a vinte e dois anos, moradores tanto do Pará como também de outros estados que recebem as águas do Tapajós – como Mato Grosso, por exemplo.

Destacaremos aqui a simulação de uma audiência pública da qual participamos. A atividade tratava de um debate acerca da ação de uma mineradora fictícia na região do Tapajós, com representantes da corporação, do Ministério Público e do governo federal, representado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), cujos papéis, na encenação, ficaram com as lideranças do Movimento Tapajós Vivo. Já os alunos se dividiram em dois grupos, de um lado, um movimento social organizado pelas comunidades atingidas pela mineração e, de outro, trabalhadores do garimpo, que são favoráveis à atuação da corporação na região – a ideia era promover um debate e questionar

até que ponto governo federal e Ministério Público eram ou não favoráveis à ação da mineradora, devido ao seu poder econômico e político. Para nossa surpresa, havia ainda a personagem midiática de uma jornalista da grande imprensa (Rede Globo), interpretada pela assessora de imprensa do MTV, que deveria ser acompanhada por um cinegrafista, cujo papel foi assumido pelo pesquisador responsável por este texto – ao acompanhar a repórter, pelo celular, gravamos alguns vídeos sobre a cobertura midiática simulada.

Desde o início, a audiência parece ser considerada pelo coletivo como um espaço desigual, no qual Ministério Público e governo federal parecem mais propensos a uma ideia de “desenvolvimento” que é usada como argumento a favor da ação da mineração. Em relação à disputa entre os grupos – pró e contra a mineradora –, é interessante perceber que os argumentos usados levaram em conta o que é dito em prol de certo desenvolvimento predatório na região. Um exemplo é o modo como trabalhadores da região defendem a ação do garimpo, ao levarem em conta a geração de empregos, a ideia (já mencionada) de desenvolvimento econômico da região e um argumento que nos chamou a atenção: o fato de garimpeiros dizerem que também são indígenas – o que de fato ocorre, de acordo com os integrantes do coletivo. Por outro lado, o grupo que ficou responsável por atuar como movimento social mobilizou algumas estratégias de enfrentamento, como intensificar as manifestações dentro de uma audiência pública, que se constitui como espaço que tende a ser mais próximo das grandes corporações no capitalismo tardio. Por fim, no que diz respeito à mídia, o papel da jornalista da Globo foi marcado por uma leitura bastante crítica (e até irônica, por vezes debochada), uma vez que a jornalista se dizia “imparcial”, mas priorizava as falas tanto dos representantes dos poderes público e privado, além dos depoimentos de garimpeiros dizendo que queriam “apenas trabalhar”. Assim, a simulação, em linguagem cênica, demonstra a produção de um código cultural: a desconfiança em relação a poderes públicos, setor privado e instituições como a imprensa – notadamente presente na sátira acerca de quem deveria preservar o meio ambiente. Tal desconfiança é fruto de acontecimentos que marcam a história do coletivo, uma vez que por inúmeras vezes órgãos responsáveis por fiscalização falham em monitorar a região do Tapajós – e isso reforça a necessidade de tomada de ação, inclusive no âmbito midiático, como veremos.

Pela semiótica da cultura de Iuri Lotman (1996; 1998; 2022), tomamos a noção de texto de cultura para pensar as dinâmicas culturais pelas quais o Movimento Tapajós Vivo se movimenta, em meio de suas ações formativas. Os significados mobilizados dizem respeito a questões enfrentadas pelo coletivo nos últimos anos, por isso certo descrédito em relação às

instituições. Há, portanto, elementos de memória que são acionados pelo coletivo e tratados em linguagem cênica. Essa ideia de reconstruir críticas a partir de memórias ressoa em algumas produções midiáticas do grupo, a exemplo do documentário “Tapajós Violado”¹¹, que narra os impactos ambientais trazidos pelos portos construídos na região para exportar soja – obras que afetam, sobretudo, a atividade da pesca. Trechos do documentário foram compartilhados nas redes sociais para disputarem as memórias midiáticas sobre a Bacia do Tapajós. Nas imagens, depoimentos de membros das comunidades locais denunciam os impactos ambientais nos rios.

Outra atividade que nos chamou a atenção durante a visita foi a prática da roda de conversa, intitulada *Tempo-comunidade*. Nessa atividade, os alunos deveriam gravar vídeos em suas comunidades acerca dos efeitos do garimpo e das mudanças climáticas na Bacia do Tapajós. Cada aluno apresentou seu vídeo e depois os colegas fizeram comentários a respeito, atividade ocorrida às 20h, após o jantar. Nos vídeos, é possível notar que os jovens priorizavam os depoimentos dos mais velhos, no caso das comunidades indígenas, a fala dos caciques. A atualidade precária do Rio Tapajós é então entendida a partir das memórias dos mais velhos das aldeias e das comunidades ribeirinhas, que recordavam da juventude às margens do rio, detalhando quais experiências de vivenciar o espaço mudaram por conta do avanço das corporações extrativistas na região, bem como as mudanças climáticas percebidas no lugar. No debate dos vídeos, a memória dos mais velhos como testemunho acerca da precariedade que marca a atualidade é também o ponto de partida para as ações que os jovens irão tomar – e assim a memória é esse elemento de cultura pelo qual as semioses se manifestam (Lotman, 1996), não apenas algo restrito ao passado, mas sustentam o que pode vir a ser o futuro.

Quando optamos pela cartografia dos coletivos, a ideia era traçar uma paisagem midiática alternativa, cuja formação não passa pelos grandes eixos de usos e dinâmicas das plataformas, tampouco por uma ideia de mídia tradicional corporativa. Na visita que fizemos, notamos que há uma noção de trabalho em rede e de partilha que é importante para o funcionamento das atividades – trata-se de um código cultural, pelo qual tudo se constrói no âmbito coletivo: refeições, momentos de descontração (como prática de esportes), limpeza do espaço, articulações políticas etc. Essa ideia difere radicalmente de uma noção de individualismo pós-estado, que temos visto proliferar na cultura das plataformas e redes

¹¹ O trailer pode ser conferido na página do MTV no Instagram. O documentário é uma parceria do coletivo com movimentos sociais e organizações do terceiro setor. Ver Movimento Tapajós Vivo (2025b).

sociais, de coachs, marketing de si e influencers, que tanto contribui para uma ideia de empreendedorismo precarizado e para alguns argumentos que mobilizam, inclusive, a extrema-direita.

Ao agrupar ações construídas por diferentes comunidades do entorno do Tapajós, o encontro formativo do MTV reúne diferentes contribuições e percepções de mundo, que formam uma rede de significações, tal qual a noção de texto para Lotman (1996). Sobre as dinâmicas do texto de cultura, Lotman irá dizer que: “[...] a combinação de tipos essencialmente diferentes de semioses e – como resultado – o surgimento de complexos problemas de recodificação, equivalência, mudanças nos pontos de vista e combinação de diferentes vozes em um único todo textual”¹² (Lotman, 1996, p. 53, tradução nossa).

A ideia de rede e de roda de conversa que marca esses processos formativos, tal como a figura ontológica do rizoma para Deleuze e Guattari (2000), aponta para a formação de uma paisagem comunicacional heterogênea que não depende ou presta contas a uma representação prévia, mas é parte de um movimento transversal e de linhas de fuga que diz respeito a outras modalidades de vida – indígenas, ribeirinhos, ambientalistas, ativistas etc. Na ideia de cartografar fenômenos heterogêneos reside o conceito de devir (Deleuze; Guattari, 2000), pois tudo o que escapa às padronizações indica um possível, um tornar-se, que é justamente o que observamos nos processos formativos do MTV, um processo de tornar-se ativista. Por isso suas ressonâncias midiáticas são também diferenciais, como veremos.

As diferenciações midiáticas produzidas pelo MTV ocorrem, em especial, no âmbito das codificações, uma vez que a ideia de desenvolvimento mais recorrente no senso comum, muitas vezes, sugere leituras pouco críticas sobre os impactos ambientais decorrentes de obras de infraestrutura (como portos para escoar soja) ou até atividades geradoras de emprego (garimpo) – visão presente em canais institucionais de governos e setores privados, como também, em boa medida, na cobertura da chamada grande mídia. As semioses geradas pelas memórias das comunidades locais recodificam os ambientes midiáticos, tanto nas páginas do Movimento Tapajós Vivo nas redes como nos perfis de seus integrantes. Esse código cultural ativista produz diferenciações nos modos de estar e vivenciar as redes, notadamente na mudança de uma dinâmica de publicações triviais (a vida feliz no Instagram, por exemplo) para a disseminação de posicionamentos críticos e preocupados com a questão

¹² “[...] la combinación de tipos esencialmente diferentes de semiosis y –como resultado– al surgimiento de complejos problemas de recodificación, equivalência, cambios en los puntos de vista y combinación de diferentes «voces» en un único todo textual”.

ambiental na Bacia do Tapajós. Pode-se dizer que essa rearticulação de memória por perspectivas mais críticas – as rodas de conversa, que cartografamos como *plano comum* (Passos; Kastrup; Tedesco, 2013) – possibilita outra ideia de apropriação das redes digitais, mídias e plataformas, uma vez que outras modalidades de povoamento desses espaços são produzidas, nos termos de Gilles Deleuze (2008).

Em março deste ano, o jovem Piani Kayabi, morador da aldeia Tatuí, do povo Apiaká-Kayabi, produziu um vídeo¹³ com outras organizações sociais da região, parceiras do MTV, sobre a importância da água para o seu povo e demais comunidades do entorno. Kayabi esteve no curso organizado pelo Movimento Tapajós Vivo. Nas imagens, podemos notar a valorização de modos de vida que estão fora da ideia de progresso do capitalismo tardio, que transforma e molda quaisquer recursos naturais em mercadorias – a qualquer custo, inclusive sem preocupações com as mudanças climáticas. Na fala de Kayabi, a expressão “a água, para nós povos indígenas, é independente de valores materiais”, demonstra a articulação de outro código partilhado nas vivências nas oficinas e demais atividades da semana formativa: a noção de convivência com o rio, um elemento vivo, merecedor de respeito – não à toa a semana formativa termina em um banho num igarapé da região. Em outra postagem¹⁴, desta vez na página do MTV no Instagram, há um cartaz erguido pelos integrantes do coletivo que diz “nós somos o rio”, frase que reforça o sentido a partir do qual o rio é portador de direitos, tal como as pessoas – publicação que faz parte de uma série de ações do coletivo para a COP30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas), que neste ano ocorre no Pará. Tal perspectiva recodifica a centralidade da noção de humano, base de toda uma *episteme* ocidental que ressoa no capitalismo tardio e sua engrenagem de dominação, por meio da qual natureza e cultura formam uma dicotomia, cujo domínio do “homem” seria inevitável – como nos lembra Jacques Derrida (2001, p. 48), nas dicotomias residem “hierarquias violentas”.

Outro exemplo bastante significativo de como as semioses dos processos formativos do MTV ressoam nas mídias é a publicação de um vídeo¹⁵ crítico à COP29, na página do coletivo no Instagram. O texto é um poema assinado pela artista e ativista Norah Costa, moradora de Santarém, que já participou dos encontros e rodas de conversa organizados pelo MTV. No texto, notamos que a linguagem poética, em meio às imagens da Bacia do Tapajós,

¹³ Ver: Movimento Tapajós Vivo (2025c).

¹⁴ Ver: Movimento Tapajós Vivo (2025d).

¹⁵ Ver: Movimento Tapajós Vivo (2025e).

questiona radicalmente a organização burocrática do encontro das Nações Unidas e sua incapacidade de frear o avanço do cultivo de soja, da exploração do petróleo e a construção de obras como o Ferrogrão (via férrea que pretende escoar grãos e irá atravessar o Mato Grosso até o estado do Pará). Trata-se, como vimos, de um código cultural que olha as instituições com desconfiança e questiona os espaços burocráticos de poder, cujas cargas de memórias de lutas passadas reencontram novos significados no presente, daí a resposta poética e midiática, mobilizada pelos versos de Norah. Em outro vídeo¹⁶, Norah Costa convoca o público para uma live com mulheres ativistas da região de Santarém, cujo objetivo era comemorar a derrubada do Projeto de Lei 10.820/2024, que ameaçava a educação nas comunidades quilombolas, ribeirinhas e indígenas, fundamental para a construção de um pensamento ambiental, após uma ocupação na Secretaria da Educação do estado. A ideia do encontro virtual era não apenas falar sobre a ação bem-sucedida, mas compartilhar experiências de mulheres ativistas da região do Baixo Tapajós, cujas transmissões via redes sociais como o Instagram potencializam a visibilidade para as causas sociais de Santarém.

Essas expressões midiáticas, produzidas por Norah, Kayabi e outros integrantes do Movimento Tapajós Vivo, defendemos, diferem de uma engrenagem midiática dominante. Se, por um lado, as funções das ferramentas digitais no cotidiano sugerem uma ideia superficial de felicidade, em meio a exposições positivas da vida, entre novas capturas mercadológicas e tendências reacionárias de um individualismo pós-estado, os processos formativos de coletivos como o MTV possibilitam outras modalidades de habitar esses espaços virtuais, notadamente a partir de ativismos locais que lutam por direitos e inclusão. As memórias das comunidades locais sustentam, assim, uma linguagem midiática diferencial, codificada por ativismos situados que indicam linhas de fuga possíveis, frente às funcionalidades sugeridas pelas plataformas – e aqui a heterogeneidade de um texto de cultura (Lotman, 1996) produz codificações que diferem da segmentação das redes. Assim, se para Deleuze e Guattari (2000) a cartografia é parte de um acompanhamento dos devires possíveis, para Lotman (2004) os processos de transformação da cultura resultam em explosões semióticas – que vemos proliferar nas linguagens citadas de jovens que passaram pelos processos formativos do MTV. Além disso, ao se apropriarem das ferramentas digitais, os coletivos mobilizam percepções mais críticas acerca de questões que dizem respeito a região do Tapajós, entre mobilizações pró-meio ambiente e denúncias do avanço capitalista extrativista no local, numa disputa pelas memórias midiáticas produzidas sobre a região do Tapajós. Entendemos que as

¹⁶ Ver: Movimento Tapajós Vivo (2025f).

movimentações dos coletivos nas periferias digitais são pequenos desvios de sentido, fruto de processos culturais situados capazes de reestabelecer disputas narrativas sobre questões poucos visíveis nos meios de comunicação tradicionais. Nossa cartografia busca justamente traçar essas intensidades e percorrer esses campos de forças em disputa para, ao final, extrair conhecimentos acerca de movimentos culturais emergentes, que colocam questões de diversidade, inclusão e cidadania em evidência nos espaços digitais, a partir de memórias, códigos culturais e semioses que nos ajudam a repensar o passado e reposicionar ações no porvir.

5 Considerações finais

O presente artigo tratou de dados coletados em pesquisa participante realizada em um curso formativo organizado pelo Movimento Tapajós Vivo, entre os dias 10 e 14 de fevereiro, no município de Santarém (PA). Trata-se de uma etapa de pesquisa de campo que diz respeito ao traçado de uma cartografia de coletivos sociais. A cartografia com a qual trabalhamos está situada nas teorias da diferença de Deleuze e Guattari (2000), uma vez que entendemos que coletivos como o Movimento Tapajós Vivo são paisagens midiáticas emergentes. Nosso pressuposto é acerca da capacidade formativa dos códigos culturais, mobilizados em cursos e encontros do coletivo, sustentarem expressões midiáticas ativistas. Desse modo, respondemos à seguinte questão: *como as memórias do Movimento Tapajós Vivo participam de semioses e produzem diferenciações nos ambientes midiáticas?* Ao tratarmos de dinâmicas culturais e produção de sentidos, dialogamos com a Semiótica da Cultura de Iuri Lotman (1996; 1998; 2022).

Nas atividades formativas do MTV, há articulações de memórias que sugerem uma perspectiva crítica em relação à contemporaneidade – semioses que se manifestam, sobretudo, em linguagens midiáticas produzidas pelo coletivo e por seus integrantes. Um desses momentos formativos é a roda de conversa, prática observada em outros coletivos (Carvalho, 2024), na qual se constroem elos e afetos num âmbito *sensível e comum* (Sodré, 2014) e que pretendemos explorar em etapas futuras da pesquisa.

As publicações que analisamos demonstram a produção de um ativismo que disputa as memórias midiáticas na região de Santarém, além de propor modos alternativos de vivenciar os ambientes digitais – tal como as linhas de fuga para Deleuze e Guattari (2000), uma vez que a codificação ativista reposiciona a funcionalidade dessas ferramentas

tecnológicas, não mais usadas no compartilhamento de um cotidiano positivo, mas para produzir conteúdo crítico e mobilizar redes de ativismos. Sabemos das dificuldades de mapear esses coletivos, sobretudo pela pouca visibilidade que seus conteúdos ganham na engrenagem de algoritmos das plataformas. Pretendemos, ao final da pesquisa, construir a cartografia de uma paisagem midiática ativista e periférica, que se organiza e produz sentidos à contrapelo das *big techs*, em diferentes regiões do Brasil. O entendimento desses processos formativos pode trazer contribuições para o campo da Comunicação, em especial a respeito de um letramento midiático crítico, fundamental para que possamos repensar a formação de profissionais de comunicação bem como a construção de ambientes midiáticos mais plurais.

Financiamento

Pesquisa financiada por bolsa de estudos do CNPq (pós-doutorado Júnior).

Referências

- BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.
- CARVALHO, Nilton Faria. Semioses de uma cartografia: afetos e processos comunicacionais no Movimento Cultural Ermelino Matarazzo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Itajaí. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2024.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo** - capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo, Editora 34, 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KEMPER, Jakko. Deep time and microtime: Anthropocene temporalities and Silicon Valley's longtermist scope. **Theory, Culture & Society**, Thousand Oaks, v. 41, n. 6, p. 21-36, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/02632764241240662>. Acesso em: 21 nov. 2025.

LOTMAN, Iuri. **Culture and explosion**. New York: Mouton de Gruyter, 2004.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I**. Semiótica da cultura y del texto. Madri: Frónesis Cátedra Universitat de Valencia, 1996.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Cátedra, 1998.

LOTMAN, Iuri. **Mecanismos imprevisíveis da cultura**. São Paulo, Hucitec, 2022.

MACHADO, Irene Araújo. **Escola de Semiótica** - a experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MACHADO, Irene Araújo. Semiotização da história: a metalinguagem crítica de I. M. Lotman. **Revista de Literatura e Cultura Russa**, São Paulo, v. 13, n. 23, p. 109-130, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.202514>. Acesso em: 21 nov. 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Jovens entre o palimpsesto e o hipertexto**. São Paulo: Ed. Sesc, 2022.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**. A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

MOVIMENTO TAPAJÓS VIVO. **[Integrantes do Movimento Tapajós Vivo saem às ruas com cartazes para denunciar a presença de fumaça proveniente das queimadas na região]**. Santarém, Pará: MTV, 2025a. [Reel]. Instagram: @tapajosvivo.

MOVIMENTO TAPAJÓS VIVO. **Tapajós violado**. Santarém, Pará: MTV, 2025b. [Documentário]. Instagram: @tapajosvivo.

MOVIMENTO TAPAJÓS VIVO. **[Vídeo produzido pelo jovem Piani Kayabi, [...], sobre a importância da água para o seu povo e demais comunidades do entorno]**. Santarém, Pará: MTV, mar. 2025c. [Reel]. Instagram: @tapajosvivo.

MOVIMENTO TAPAJÓS VIVO. **[Cartaz erguido pelos integrantes do coletivo que diz "nós somos o rio"]**. Santarém, Pará: MTV, 2025d. Instagram: @tapajosvivo.

MOVIMENTO TAPAJÓS VIVO. **[Poema assinado pela artista e ativista Norah Costa]**. Santarém, Pará: MTV, 2025e. [Reel]. Instagram: @tapajosvivo.

MOVIMENTO TAPAJÓS VIVO. **[Norah Costa convoca o público para uma live com mulheres ativistas da região de Santarém]**. [Reel]. Santarém, Pará: MTV, 2025f. Instagram: @tapajosvivo.

NOSSOS SABERES. #14 | **Movimento Tapajós Vivo: Escola de militância socioambiental amazônica (PA)**. Santarém, Pará: MTV, 23 jul. 2020. *Podcast Spotify*.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; TEDESCO, Silvia. Dossiê cartografia: pistas do método da cartografia - Vol. II. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 217-220, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200001>. Acesso em: 21 nov. 2025.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSÁRIO, Nísia Martins; CORUJA, Paula; SEGABINAZZI, Tiago. Um panorama da cartografia no Brasil: uma investigação a partir das teses e dissertações da Comunicação entre 2010 e 2017. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 69-88, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202124>. Acesso em: 21 nov. 2025.

SENA, Edilberto (org.). **Em defesa da bacia do Rio Tapajós** - uma luta em andamento. Santarém (PA): Instituto Cultural Boanerges Sena, 2022.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPAGNUOLO, Sérgio. Com fim de checagem, Zuck arrisca transformar redes da Meta num X mais caótico. **Núcleo**, São Paulo, 7 jan. 2025.

VAN DIJCK, Jose. **The culture of connectivity**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Cartographies of the Tapajós Vivo Movement: memories, semiosis and media

Abstract

This paper analyzes empirical data collected in participatory research at the Tapajós Vivo Movement in Pará, which deals with environmental issues in Santarém. It is the methodological front of a cartography that accompanied a formative meeting of the collective. We start from theories of difference to propose the outline of an emerging media landscape, supported by a cultural context. Through the semiotics of culture, we identify memories, cultural codes and semioses shared in these meetings that enable the media expressions of the collective. Finally, we argue that cultural dynamics and formative processes, by mobilizing affections and activism, also produce differences in the media and tension the media memories and modalities of being in the networks.

Keywords

Tapajós Vivo Movement; cartographies; activism; semiosis; medias

Declaração de disponibilidade de dados

Disponibilidade de dados: O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo pode ser solicitada aos autores (ver autoria para correspondência).

Declaração de autoria e responsabilidade de dados

Declaro a contribuição específica do autor: Nilton Faria de Carvalho

Concepção e elaboração do estudo: Nilton Faria de Carvalho

Coleta de dados: Nilton Faria de Carvalho

Análise e interpretação de dados: Nilton Faria de Carvalho

Redação: Nilton Faria de Carvalho

Revisão crítica do manuscrito: Nilton Faria de Carvalho

Autoria para correspondência

Nilton Faria de Carvalho

niltonfar.carvalho@gmail.com

Como citar

CARVALHO, Nilton Faria. Cartografias do Movimento Tapajós Vivo: memórias, semioses e mídias. **Intexto**, Porto Alegre, n. 58, e-147950, 2026. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.58.147950>

Recebido: 26/08/2025

Aceito: 10/11/2025

Copyright (c) 2026 Nilton Faria de Carvalho. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

